



POETIZAR

Revista de Contos, Crônicas e Poesias



Dezembro 2017

V 01 - Nº I

Caro (a) leitor (a),

É com muita satisfação que apresentamos para você a 1ª edição da POETIZAR, Revista de Contos, Crônicas e Poesias.

Nesta edição de lançamento, mostraremos as criações dos autores com diversos temas. As seções estão divididas de acordo com o gênero do texto.

Esperamos que a cada leitura, sensibilize, provoque reflexão, faça rir, se emocionar, enfim...


“A arte diz o indizível; Exprime o inexprimível, traduz o intraduzível”. (Leonardo da Vinci).

Sobre a revista

A Poetizar, Revista de Contos, Crônicas e Poesias é um projeto de extensão da Universidade Federal do Espírito Santo - Campus São Mateus, que abre espaço para publicação de contos, crônicas e poesias escritas por você, com objetivo de divulgá-los para o público-alvo que acessa a revista.

Crie sua arte e venha Poetizar conosco!

Curta Nossa fanpage

Revista poetizar 

Contato: revistapoetizar@gmail.com

Equipe POETIZAR,

Sumário

<i>CONTOS</i>	4
UM CONTO DE ESCOLA	5
A “TIA” BRUTA E GROSSEIRA.....	10
<i>CRÔNICAS</i>	16
A JAPONESINHA.....	17
O PÁSSARO DENTRO DO ESPELHO	24
PROFESSOR, SOMENTE DEUS RECOMPENSARÁ POR TÃO NOBRE MISSÃO!	25
<i>POESIAS</i>	27
ENIGMA	28
SEM FACE	30
DOENTE DE AMOR	30
VAGALUMES.....	31
O GALO E O CALO	32



CONTOS

UM CONTO DE ESCOLA

Por Isaque Correia Rocha

Começou mais um ano e desta vez aproveitei bastante porque a folga de comer, brincar e dormir havia acabado. Era o ano em que eu e minha irmã Rose, iríamos para a escola pela primeira vez. A escola era muito longe de casa, então tinha que acordar bem cedo para comer um pão bem quentinho com manteiga e café feito na hora pela minha querida mãe. Que por sinal, demonstra está bem ansiosa para que fossemos estuda.

Finalmente chegou a hora, meu pai era que nos levava todos os dias de bicicleta.

--- Vamos embora, já está na hora.

--- Vocês não podem chegar atrasado no primeiro dia de aula.

Nos despedimos de mãe e fomos correndo para o portão, de longe ouvi a mãe dizer “*finalmente vou poder limpar a casa*”. Pai chegou com a bicicleta já preparada para irmos. Eu sentado na garupa e Rose no quadro da magrela. Naquele tempo, era poucas ruas que eram calçadas, tinham muito buraco, então o bumbum ficava todo dolorido ao chegar à escola.

Depois de muito andar, chegamos no centro da cidade, uma coisa rara de acontecer, mas que a partir de agora iria acontecer todos os dias.

Eu perguntei: chegamos?

--- Ainda não, falta um pouco ainda.

Passamos pelo Posto de Saúde, a Rodoviária onde tinha aqueles ônibus enormes que dava dó de tão feio, passamos também perto do Banco do Brasil.

Eu perguntei novamente: chegamos?

--- Ainda não, falta mais um pouco.

Já estava ficando nervoso de tanta ansiedade, até chegar ao Mercado Municipal onde papai trabalhava consertando bicicleta.

--- Vou guardar a bicicleta e daqui vamos a pé.

Logo pensei, “agora deve estar bem perto”. Meu pai pegou na minha mão e na mão da minha irmã e fomos.

Perto do Mercado Municipal tinha um lugar muito estranho, tinha também muita gente, crianças e adultos. Os adultos pareciam estar falando algo para as crianças que eram maiores do que eu e as crianças choravam e descia tantas lágrimas que molhava a roupa toda.

--- Pai

--- O que é Pizzaquê?

--- O que é aquilo?

--- É uma escola.

Fiquei aterrorizado. Será ali que vou estudar? Parece uma zona de tortura para crianças aquele lugar. Muros altos, paredes feias e janelas de madeira com grades enormes, parecia um lugar para pessoas doentes, doidas como dizia meus amigos lá da rua.

--- Mas não é ali que vocês vão estudar, é mais a frete.

Fiquei aliviado em ouvir essas palavras do meu pai. Tinha apenas cinco anos para passa por tamanha tortura.

Mais adiante, chegamos em outro lugar, parecia pior do que o anterior. Tinha crianças da mesma idade que eu em total desespero. Quando de repente ouvi: Chegamos.

--- Que lugar é esse pai?

--- É aqui que você vai estudar.

--- Só eu?

--- Sua irmã também?

Rose já estava começando a chorar e meus olhos começaram a encher de lágrimas até meu pai dizer. Toma conta da sua irmã, ela é mais nova que você. Eu só balancei a cabeça.

Veio uma mulher em nossa direção, nos cumprimentou e falou alguma coisa com meu pai, não deu para entender. Depois ela abaixou e disse: podem ficar tranquilos, eu vou cuidar de você, vocês serão minhas lindas florezinhas. Quando olhei para trás, meu pai não estava lá, havia desaparecido, rapidamente a mulher nos consolou dizendo para termos calma, pois o meu pai havia de voltar. A mulher nos levou para uma sala com cadeiras e uma mesa pequenas e ficamos lá enquanto ela ia buscar outras crianças.

Ouvi um barulho estranho, nunca tinha ouvido antes um som igual aquele. Parecia quando eu estava em casa e batia com a colher no copo de vidro da minha mãe. A mulher chegou na mesma hora dizendo que iria começar a aula.

A mulher disse o nome dela, que eu nem entendi, mas ela disse que podia chama-la de “tia”.

--- Mas a senhora não é minha tia.

--- Sou sim. Aqui na escola.

--- Todos podem me chamar de tia.

Não dei muita bola, estava muito concentrado olhando no portão. Parecia um vigia ou aqueles investigadores secretos dos filmes, meu pai gostava de assistir esses filmes e eu assistia com ele.

A mulher deu folhas de papel e um monte de lápis, canetas, giz de cera. Tudo colorido e com diversas cores. Pediu para desenhar alguma coisa de casa. Apesar de não conseguia segurar o lápis do jeito certo, fiz um desenho que parecia uma obra de arte.

O tempo foi passando e nada no portão, até a tia perguntou.

--- Pizzaquê, porque você fica olhando lá para fora?

--- Tia, a senhora disse que meu pai voltava logo e ele ainda não chegou. Ele se esqueceu da gente?

--- Não Pizzaquê, é que ainda não deu a hora de sair.

--- Hummm, qual é a hora de sair?

Todos na sala estavam querendo saber qual a hora de sair. Então a tia teve uma ideia de levar todos para fora. Fizemos uma roda e ela começou a falar sobre o Sol. E perguntou se sabíamos onde o Sol estava. E todos disseram a mesma coisa: Está no céu, bem atrás da parede. A tia gostou da esperteza de todos. E seguida ela explicou. Quando o Sol estiver sobre a nossas cabeças, bem no alto é porque está na hora de ir para casa. Pouco tempo depois o Sol estava sobre minha cabeça, quando olhei para o portão meu pai apareceu, parecia mágica eu era muita coincidência. Rapidamente peguei minhas coisas e corri na direção dele. Ele me abraçou e fomos para casa. No caminho, passamos perto da outra escola novamente e tinha crianças saindo de lá também. Foi o ano todo assim, com chuva ou sol, mas todos os dias tinha que ir para a escola, menos no sábado e no domingo. Comecei a gostar da ideia de ir para a escola. Passou o ano e chegou às férias, que era muito esperada.

O ano recomeça e vamos para a escola, mas agora é diferente, eu e minha irmã somos veteranos, experientes. Sabemos todos os horários de chegada, recreio e quando o Sol está sobre a nossa cabeça é porque está na hora de ir embora. Até a cena da outra escola se repetia, para mim, ainda parecia assustador ver o desespero de todos que estavam ali.

Estava tudo mil as maravilhas até recebemos a notícia de última hora de que era o último ano que eu e minha irmã estaríamos estudando ali. Bateu aquela dúvida. Para onde nós vamos?

Quando meu pai chegou, corremos até ele e perguntamos: Pai, esse é o último ano nosso aqui? Para onde nós vamos? Logo, ele nos tranquilizou dizendo que a escola também é perto. Quando estávamos saindo, meu pai segurando a minha mão, passamos perto da outra escola, a “escola das crianças desesperadas”, de

repente meu pai dá uma pausa e abaixa e diz: é ali que vocês dois vão estudar no próximo ano.



A “TIA” BRUTA E GROSSEIRA

Por Katellen Santos Dos Santos Silva

Comentários da Autora: A ideia do título ser "tia" é uma crítica às (aos) professoras (es) que se autointitulam "tias/tios". Mas como já dizia o sábio Paulo Freire: "Professora sim, tia não!".

A escola que eu frequentava era na Rua colibri nº 30, tinha um muro alto, mas, com um pequeno banco conseguia ver o outro lado da rua, uma sorveteria cheia de pessoas elegantes, rindo e sempre alegres, era ano de 2002, naquele dia – uma segunda feira, do mês de fevereiro – estava no canto sentado em uma cadeira de madeira lembrando-se daquele final de semana, o meu aniversário, na qual nunca teve uma festinha. Levantei-me e fiquei observando as crianças aprendendo a andar de bicicleta na rua de pedra, provavelmente ainda não tinha começado a brincadeira, mas certamente não teria hora para acabar. Estava tão focado, quando Dona Maria chama para ir lanchar, era aquele desespero para ver quem acabava primeiro.

De repente quem chega ao portão? O meu amigo, sim! Não tinha um dia que ele não vinha me visitar, aquele animalzinho simples de porte médio, estava magro, mostrando os ossos, mas sempre chegava alegre balançando o rabo, o nome dele era Bob, eu e tia Raimunda por incrível que pareça o nomeamos assim, ela às vezes era flexível e estava de bom humor. Bob vinha sempre na parte da manhã nos arredores da escola comer os restos de pães que Lucas, Saulo, Isabela, Samuel, largava.

- Oh Pedro! Bradou Tereza, a Tia que ajudava no dever de Escola.

Estremeci como se acordasse de um sonho, e levantei-me às pressas, despedindo do meu amigo Bob. Ao passar pela porta correndo dei de cara com o mestre Sam, ele dava aula de judô, olhando para mim, de cara fechada.

- Venha cá! Clamou novamente Tia Tereza.

Chegando ao quarto onde ficávamos estudando, estava lá a Tia e os doze alunos, ela queria saber quem tinha quebrado a cama, olhando com olhares firmes para mim, falou:

- Pedro, você o mais velho deveria ficar de olho. Já tem 12 anos! Sabe que você tem a função de vigiar.

Mas não teve jeito, Tia Tereza, me colocou de castigo, mesmo não sendo eu que tinha quebrado a cama, estava ali sentado, triste, aquele menino tranquilo estava agoniado, e de repente, olhei para o Lucas e João, e vi que pareciam atentos, podia ser uma simples curiosidade vaga, natural indiscrição; mas podia ser também alguma coisa entre eles. Esse Lucas era um pouco levado. Tinha nove anos, era mais novo da turma, depois de Samuel.

Eis que depois de 10 minutos ali cansado de ficar sentado, surge Patrícia com olhar de gratidão, olhando para mim, e logo após, contemplou para Lucas e disse que iria lhe dedurar, então saiu correndo gritando:

- Tia! Tia! Foi Lucas que pulou na cama e quebrou.

Tia Tereza, me pediu perdão, e colocou Lucas no meu lugar.

Eu senti dó dele e me deu vontade de continuar no castigo só para não vê-lo sofrer.

Mas obedeci às ordens e fui assistir Power Ranger o desenho que todos gostavam, passava na televisão sempre as 9h00 horas todos os dias, porém todos queriam ser o Power Ranger vermelho, ele era o mais forte de todos, logo iniciava uma discussão, até que de repente A Tia Raimunda desligava a televisão, que momento de tensão! Começávamos a implorar, até que ela ligava novamente, mas não adiantava principiava novamente a briga, até chegado o momento que Tia Tereza, a mais brava das Tias, ninguém gostava dela, era alta, forte e com um tom de voz firme, colocava todos para o quarto para estudar, era literalmente uma tortura. Não sei como eu aguento essa exaustiva rotina.

Reclamando baixo, Isabela falou:

- Eu não fiz nada! Que Tia chata e insuportável.

De repente escuta uma forte voz forte, alta, assustadora que surge imediatamente:

- Como é? Indagou Tia Tereza bem atrás dela.

Isabela toma um baita susto, e tenta se explicar gaguejando:

- Não foi isso que a Senhora escutou; eu falei que é chato ir estudar neste horário, 10h00min horas da manhã, estamos todos de barriga cheia, do café, precisamos brincar um pouco. Mas não adiantou. A sua desculpa não deu certo. Brincar não entrava na lista de prioridades daquela mulher.

Então Tia Tereza como uma forma de punição, colocou Isabela para ler historinha bem alta para os coleguinhas, àquela história do chapeuzinho vermelho... Começamos a gostar da ideia, Isabela também estava adorando ler para todos nós, e aquela repreensão virou uma ocasião prazerosa de altas imaginações e pensamentos, até que chegou o momento de largar os livros e partir para o banho, tínhamos que estar as 13h00min horas em ponto no colégio novamente, se atrasasse ficaria na diretoria.

Corríamos para nossas bolsas naquele desespero, pegando a toalha para ver quem entrava primeiro, mas Lucas, o considerado bagunceiro, não havia disputa com ele, parece que já deixava tudo no jeito, sempre era o primeiro a entrar no banheiro, e demorava horrores.

Até que chega a hora que eu mais amava: o almoço da escola, naquele dia a Tia Suzana que fazia a comida tinha feito o meu prato preferido: arroz, feijão tropeiro, salpicão de frango, purê de batata, e para complementar batata frita, comemos como uns leões e com a barriga pesada fomos para dentro da escola, mesmo com uma vontade enorme de dormir. A minha parte predileta era merendar, porque minha história é complicada, todos os dias da semana só como torresmo com farinha, exceto no sábado e domingo que tem carne, arroz e feijão.

Ao chegar à escola, tínhamos que ficar no pátio, para cantar o Hino Nacional Brasileiro, todos ficava em fila, me lembrava àqueles homens fortes, temidos, militares do exército, onde uns meses atrás com muita dificuldade meu pai me levou em um quartel com a liberação do temente, porque realmente eu sou curioso.

Fim da aula começa novamente a loucura, todos com muita pressa saem correndo como se estivessem sendo liberados da prisão! Chegando ao portão encontrei

com meu velho amigo, que resolveu fazer uma bela surpresa para mim, e estava ali no meio daquelas crianças saindo rapidamente, sem me ver, meio perdido, logo o chamei com um tom alto:

- Bob! Venha cá. Vamos desbravar a cidade... Não estou a fim de estudar o dia todo.

Na terceira vez ele veio correndo, balançando o rabo, pulando em cima de mim naquele alvoroço, depois de alisá-lo, me acompanhou e passeamos ruas adentro, observando os rios, ferrovias, pessoas comprando, patinando e namorando. Nós tínhamos uma amizade belíssima, porém quando assustei tinha dado meu horário e tive que se despedir dele. Que engraçado, quando eu não estava na escola, as horas passavam voando e eu nem percebia!

As 18h30 as mães começavam a chegar, para buscar os seus filhos, mas, antes de irmos embora, juntava o mestre Sam, Tia Tereza, Tia Suzana e Tia Raimunda, faziam uma rodinha com todos nós e orávamos o Pai nosso. Logo após, todos se abraçavam, e aquele dia triste, de brigas e lições infinitas encerrava, parecendo até que não existiu, voltando todos a serem amigos. Mas no dia subsequente tudo se repetia...

Meu irmão chegou, estava bem suado, e fomos andando para nossa casa que ficava bem no Interior, eu caminhava pensativo em saber como o Bob estava. Até que decidi que adotaria ele, coloquei isso em minha mente! Eu preciso levá-lo comigo, mas como vou dizer isso aos meus queridos pais? Planejei toda uma estratégia para conseguir realizar o que meu coração implorava. Aquele bichinho que estava aparentemente doente, que surgiu em minha vida precisava de cuidados, mesmo sem eu ter as condições devidas. Passando entre os matos, atravessando as cercas decidi que precisava voltar e pegar ele em frente à escola, lugar onde ele ficou quando demos tchau um para o outro.

- Lírio, eu preciso urgentemente de sua ajuda, vamos retornar à escola porque esqueci uma coisa lá.

- Mas agora? Já está anoitecendo. E é perigoso, pode ter cobras, sinto pavor...

Fiz um acordo com ele, se concordasse comigo, deixaria dormir na minha cama de palha. Ele aceitou prontamente, e voltamos em silêncio, sem dizer uma palavra sequer. Eu não via a hora de chegar para pegar o meu fabuloso presente. Estávamos com sede, mas insistimos na caminhada penosa.

Ao se aproximarmos da escola, percebi uma escuridão. O medo tomou conta de mim, minhas mãos estavam trêmulas, as pernas pareciam que iam se desdobrar. Meu irmão percebeu a minha angústia e segurou-me pelo braço:

- o que realmente você quer?
- preciso achar o Bob - Respondi com a voz mansa.

Em minha direção, uma senhora de aproximadamente 59 anos se aproxima apontando uma cena que parou o meu mundo naquele instante: uma carroça tinha atropelado e passado em cima do Bob, um nó na minha garganta surgiu e fiquei tonto, minhas vistas escureceram, perdi os sentidos, as borboletas no estômago dispararam. Meu irmão olhou pra mim e entendeu tudo. Sofreu junto comigo. Abaixamos a cabeça. Uma dor sem explicação.

O portão imenso da escola se abre, e Tia Tereza aparece saindo com vários livros na mão (ela ficava até anoitecer lá, puxa!):

- Minha nossa, que situação mais indelicada. É até melhor assim né Pedro? Pelo menos agora você vai ter mais tempo para prestar atenção nas aulas de geometria, não é mesmo? Só vivia conversando com esse mísero cão adoentado e repugnante. O que você está fazendo uma hora dessas aqui mesmo? Levem por favor, essa criaturinha daqui, pois já está fedendo, minhas narinas são sensíveis. – disse direcionando ao gari que veio prontamente, pegou Bob e colocou dentro de uma sacola plástica preta, sem um pingão de sentimento.

Eu parecia perceber a sua respiraçõzinha, mas nada pude fazer. Apenas o ver partir: esticado e sem rumo. Sentei-me na calçada e comecei a refletir como existem pessoas más. Mas o pior de tudo era voltar no dia seguinte e olhar para a cara daquela mulher, sem humanidade. A escola para mim era um tormento. Eu odiava.

À volta para casa foi movida a soluços e recordações dos latidos contagiantes do meu companheiro.



CRÔNICAS

A JAPONESINHA

Por Lidia Trabach Bandeira

Tinha três anos quando mamãe morreu, morávamos em Pedro canário, logo que ela faleceu mudamos para são Mateus, morava eu e meu pai, até que um dia ele arrumou uma outra mulher e foi morar com ela, ela já tinha 2 filhas Patrícia e Mara, foi bom sentia falta da minha, e ela agora seria minha mãe, minha meu padrinho logo que mamãe morreu queria me adotar mas papai não deixou disse: que ia cuidar de mim, e assim fui crescendo juntamente com minhas irmãs, ela não gostava muito de mim não sei o motivo mas não gostavam. Quando papai chegava do trabalho sempre íamos dar uma volta de carro pela cidade, me sentia o menino mais sortudo do mundo. Quando completei 4 anos me colocaram no colégio era bom assim minhas irmãs não ficavam implicando comigo. Minha tia me contou depois de muito tempo que eu gostava muito de brincar na rua de bola, mas minha madrasta não deixava pois sempre chegava em casa chorando machucado e ela não iria cuida de ninguém machucado. Me lembro que adorava quando chegava as férias para ir para a fazenda do meu tio, lá eu realmente era feliz andava descalço, de cavalo ficava o dia todo atrás dele pelo pasto afora buscando o gado, era bom demais minha tristeza era quando as férias acabava, pois tinha que voltar para a rotina

Meu serviço em casa era lavar o banheiro e minha madrasta me fazia esfregar dentro do vaso com uma palha de aço, e ai de mim se não lavasse direito, ela me tratava bem só me batia quando necessário ou quando aprontava alguma tramoia, o tempo foi passando e me lembro que quando tinha 12 anos na escola quando íamos jogar futebol ninguém me escolhia pois era um canela de pau, meu apelido na escola era cara de peixe, eu era magro e o rosto fino, as meninas corriam de mim, e me lembro que ela nunca iam ver a gente jogar futebol, e elas nunca queriam fazer trabalho com os meninos da sala, acho que e por que não fazíamos nada mesmo. Um belo dia chegou um rapaz galante, bonito, alto, com um cabelo todo estiloso, e a partir dai que as meninas não queriam mais saber da gente, ele era ótimo no futebol, nos estudos em tudo ele era o bambambã, agora as meninas

iam ver o jogo de futebol mas era só por que ele estava lá, todas só queriam fazer o trabalho com ele.

Aos meus 13 anos papai morreu em um acidente de carro, ele bebia bateu na cabeceira da ponte e morreu, agora estava sozinho de vez pois antes ainda tinha meu pai para me dar um apoio agora só tinha minha madrasta, minhas duas irmãs e meu irmão mais novo, minha rotina agora havia piorado não tinha ninguém para me defender, ficava contando os dias pra chegar as férias e poder sumir daquela casa, onde sempre fui humilhado. Fui estudando e levando a vida do jeito que dava, com o dinheiro do seguro de vida do meu pai minha madrasta comprou uma casa grande com um ponto comercial em baixo, no meio a casa com três quartos, 2 banheiro, uma cozinha grande e uma sala. As coisas foram piorando entre eu e minha madrasta pois ela ia cada vez mais me humilhando, até que minha mãe resolveu me levar para morar em vitória, ela morava perto do aeroporto e eu ficava horas do terraço descoberto observando o aeroporto era lindo, ali era meu refugio de tudo, de todas minhas angustias, morei com minha tia um ano, mas tive que voltar a morar com minha madrasta pois brigava demais com meu primo, nessa época eu era viciado em vídeo game passava horas nas lan house, gastava todo meu dinheiro, pois trabalhava como ajudante de pedreiro e o que ganhava era só pra jogar vídeo game, e como eu brigava demais com meu primo voltei a morar em São Mateus quando voltei na minha casa tinha uma garagem e nela um quartinho onde se guardava todas as tranqueiras velhas da casa e minha madrasta me colocou dormir ali, na frente das pessoas se fazia de boazinha mas por trás eu sofria, quando fiz 15 anos ela me colocou pra fora de casa, eu não tinha para onde ir dormir uns três meses na rua, mas ninguém sabia o que estava acontecendo, até que um dia meu tio veio me visitar e ela falou que tinha me colocado para fora de casa por que era rebelde demais. Então fui morar na casa de um amigo do colégio que ele falou do que tinha acontecido e assim para a mãe dele e fui morar com eles, sempre trabalhando ajudando no necessário. Nesse meio tempo minha irmã mais velha Patrícia também saiu de casa e fomos morar juntos passamos uma vida de cachorro, com o nosso dinheiro comprávamos bastante salsicha e ovo para passar o mês e assim foi, minha irmã arrumou um namorado e foi morar com ele e conversamos e fui morar com eles, no início foi até tudo tranquilo, mas ela

engravidou e as coisas começaram a aperta e eu briguei com minha irmã e sai de casa novamente.

Quando minha tia de Vitória ficou sabendo o que estava acontecendo por aqui, ela veio pra conversar com minha madrastra, que não, era bem assim que funcionava as coisas, o único dinheiro que eu tinha era a pensão do meu pai e até isso, ela tirou de mim como ela tinha minha ,guarda ela podia tomar conta do meu dinheiro, quando conversou com minha tia ela disse: que me aceitaria de volta, e assim fez, mas minha vida foi piorando pois ela me colocou morar no terraço, eu dormia encima de um papelão, o cachorro da casa era mais bem tratado do que eu e assim fui passando não tinha muito acesso dentro de casa tomava banho no tranque e minhas necessidades fazia em um cano onde iria ser feito um outro banheiro, ia dentro de casa somente para comer e olha lá. Até que comecei a trabalhar em uma firma onde eles pagavam republica e fui morar nessa republica, onde almoçávamos e jantávamos. Mas como o serviço acabou a firma foi embora, e lá estava eu novamente sem um teto, conversei com meu amigo ,que já tinha morado com ele pra vê, se eu poderia voltar a morar com ele, ele falou novamente com a mãe dele, e novamente fui ^{morar} casa dele. Quando estava estudando conheci uma menina, começamos a namorar eu já tinha dezessete e ela se não me engano quinze, fomos namorando se conhecendo e até que um dia ela me disse:

- Estou grávida!

- Como assim grávida?

- Isso mesmo grávida!

De inicio fiquei desesperado , mas fazer o que, fomos morar juntos e agora a vida agora a responsabilidade era maior, tinha esposa, filho, casa enfim tinha minha família na qual eu era o provedor. De inicio morávamos perto da casa da mãe, eu achei ótimo de inicio assim não pagaríamos aluguel e só teria que tomar conta das contas de casa e começar a comprar as coisas do bebe, mas não deu muito certo pois sempre tinha um palpite, aquelas coisas de morar com família, a mãe dela controlava tudo, começamos a brigar muito e então resolvi sair de casa, e agora

novamente estava eu sem nada novamente somente a coragem de trabalhar, na qual sempre trabalhei.

De inicio fiquei desorientado, pois iria morar onde agora, volta para a casa da madrasta? Iria passar por todo aquela humilhação novamente, conversei com minha irmã, há essa irmã era minha irmã de coração pois era filha somente da minha madrasta tanto ela como Mara, voltei a morar com minha irmã, e comecei a trabalhar em uma oficina onde aprendi muito, e assim a vida foi tocando, nunca fui muito bonito mas sempre tive varias mulheres, solteiras casadas... me lembro de um fato bem engraçado quando fiquei com uma mulher casada, o marido dela trabalhava durante a noite eu sempre ia para a casa dela ficar com ela, um dia estávamos lá no bem bom, e escutamos um barulho na porta então peguei minhas coisas bem rápido e pulei a janela pelado no meio do mato, vestir a roupa ali mesmo e pensei que loucura estava fazendo.

Resolvi para de ficar com ela, mas ela não me deixava quieto pois ela me dizia que o nosso sexo era sensacional, sempre que estava quieto no meu canto ela me ligava os meus hormônios enlouquecia, e lá eu iria novamente. Durante esse tempo comecei a namorar com uma outra menina, e deixei essa casada de lado, mas ela sempre me atentava e as vezes eu sedia, morava com essa minha namorada mas como podia eu morar com uma pessoa e gosta de ficar com ela. Nunca tive uma base familiar mamãe morreu eu tinha três anos, papai quando tinha treze, morava com uma madrasta que não gostava de mim, como teria eu uma estrutura para me apegar a alguém, pois sempre que me apegava a alguém alguma coisa acontecia.

Até que essa minha namorada descobriu, e lá estava eu novamente sem ninguém, comecei a vagabunda, ficar com varias, beber muito, tinha vez que pegava meu salário e gastava todo em uma noite, e non outro dia queria tomar um café e não tinha 50 centavos, fiquei levando uma vida louca por muito tempo, um dia dormia ali o outro aqui e assim sucessivamente. Comecei a me cansar pois não tinha nada, quando precisava de ir a algum lugar tinha que pegar uma bicicleta emprestada, e nem sempre por que e amigo empresta, as vezes quando ia levar mais uma das minhas namoradas pra tomar um sorvete era de bicicleta ou a pé

mesmo, pois sempre quis ter uma moto, mas gastava meu dinheiro na putaria, e quando alguém me emprestava uma moto, não tinha habilitação eu era meio louco, pensava no hoje sem pensar nas consequências de amanhã, arrumei uma namorada em Boa Esperança, trabalhava durante o dia todo em uma empresa de construção de construção de asfalto, e durante todo final de semana pegava a moto...há comprei uma moto toda irregular mas comprei, me lembro que foi dois mil reais e durante quatro meses pegava meu salario e pagava 500 reais de uma coisa que eu não saberia que a qualquer momento a policia poderia me parar e eu perder a moto. E ia para a casa dela, ela tinha dois filhos, era uma loucura trabalhava muito ia morto de cansado pra casa dela, na segunda-feira, levantava as 4 da manhã e vinha trabalhar novamente, fiquei nessa vida um bom tempo, nessa época morava em uma republica novamente que a empresa na qual eu trabalhava.

De repente me vi com 28 anos e nenhuma estrutura, não tinha nada somente a moto que a qualquer momento podia perder, continuava a trabalhar nessa empresa com uma vida sem expectativa nenhuma. Um esse meu amigo que eu morrei varias vezes com ele, me disse que ia passar o numero de uma menina que eu ia gosta de conversar com ela, pois ela era uma menina centrada, então assim ele fez passou o numero dela pra mim e logo, logo já mandei mensagem, mas ela não me deu muita ideia não, mas insistir, conversamos por uns quatro meses por mensagens, e todas as redes sociais, um dia ela me chamou para tomar um sorvete, disse a ela que não podia, mas na verdade fiquei com vergonha de falar que não tinha dinheiro para um sorvete, há trabalhava durante o dia nessa empresa e a noite entregava lanche, andava pela rua a noite como um louco, mas sempre conversando com ela, como ela não me dava muita atenção aquilo foi ficando cada vez mais interessante, pois antes quando queria uma mulher sempre a tinha, mas agora era diferente não era do jeito que eu pensava.

Sempre mandando mensagem de manhã, ligava sempre para estar ali presente, mas nos nunca tínhamos nos vistos a não ser por foto, e quando via as fotos dela achava ela muito bonita, usava uma franjinha com os olhinhos puxados uma japinha linda na madrugada no meu aniversário trabalhei até as meia noite, e fui para casa, cheguei em casa e mandei mensagem para ela e perguntando o que ela estava fazendo ela disse que estava estudando, e eu disse:

Eu: Menina estudiosa você?

Ela: Nada, e a necessidade mesmo!

Eu: Já cheguei em casa trabalhei como um doido hoje...

Ela: Vai ficar rico desse jeito, trabalha durante o dia e a noite também.

Eu: Tá sozinha?

Ela: Sim!

Eu: Não tem medo de ficar sozinha ai não ?

Ela: Não

Logo pensei seca ela, e ficamos por horas ali conversando, mas doido para ela me chamar par ir para a casa dela, até que as três da manhã ela me disse que estava tomando um chá e que eu merecia pois era dia do meu aniversário, quando ela disse:

Vem tomar o chá!

Eu: Serio?

Ela: Sim

Eu: Me passa seu endereço, e lá fui eu, quando cheguei, ela estava de pijama rosa comportado coisa de menina fresca, na verdade achava ela patricinha, era mais bonitinha do que na foto, com aquela franjinha e os olhos puxadinhos enlouqueci, quando entrei na casa dela, logo de cara vi na sala um colchão logo pensei oba hoje tem, e hoje que “comer” essa japonesinha, passamos direto pra cozinha tomamos o chá, quase não conversamos pois tanto eu como ela, ficamos com vergonha, acho que mais ela pois suas bochechinhas estavam bem rosadinha, assim que terminou o chá, ela me disse:

Ela: Acabou o chá?

Eu: sim

Ela: Então agora já pode ir!

Passei olhando aquele colchão no chão, nossa, ela com aquele pijama rosa muitíssimo comportada, eu pensando mil coisas.

O PÁSSARO DENTRO DO ESPELHO

Por Saulo Furtado

Hoje eu acordei cedo, às 7 horas. Sete zero e zero, nem um minuto a mais ou a menos. Sete horas. Não que isso signifique de fato alguma coisa. Mas a impressão de acordar sozinho como se houvesse algum despertador me deixa indignado. Eu sempre acordo depois das oito, e com muito esforço.

Estava meio frio e me permiti ficar mais alguns minutos debaixo da coberta. Não aguentei. Levantei e fui tomar meu café. Não havia café. Fui beber água, e como de costume olhar para o vazio além da janela.

Minha mãe adora as suculentas, as plantinhas da família Crassulaceae, talvez seja uma tendência entre as mães de hoje em dia, não tenho certeza, mas também minha mãe adora colocá-las em pequenos vasos decorados, este, na janela, em especial era feito de espelhos. Pois curiosamente havia um pequeno passarinho, um pequeno *Coereba flaveola* se não me engano, naquele pequeno pedaço de espelho, e com certo desespero tentava fazer um não sei o que com o seu reflexo. A um certo olhar parecia estar lutando uma batalha territorialista ali, mas a outro parecia estar loucamente tentado acasalar. Imaginei comigo mesmo, que tolo! Será que não percebe estar sendo iludido pelo seu reflexo? Será se um dia irá perceber que tolamente fora enganado e sentirá vergonha de si quando ver novamente sua imagem em outro espelho? Eu compadecido com a pobre criatura fui lá espantá-lo, ninguém merece essas ilusões inoportunas.

Vou tomar meu banho, passar um café, comer uma fatia de pão, e assistir desinteressadamente um documentário qualquer na Tv. E me pego pensando que não diferente daquele pássaro vivemos nos iludindo pelos nossos próprios reflexos. A imagem projetada de nossa existência, um idealismo que nos afasta do que realmente somos, e eu me senti imensamente inferior aquele ser que nem sequer sabia o que é um espelho ou o existencialismo.

Eu do sofá olho pela janela e lá está o pequeno, novamente atrelado em sua batalha contra si mesmo. Levanto, novamente o espanto e retiro da janela o pequeno vaso espelhado.

PROFESSOR, SOMENTE DEUS RECOMPENSARÁ POR TÃO NOBRE MISSÃO!

Por Bete Bonomo

Hoje, na era da tecnologia, da fibra ótica, em que quase tudo caminha à velocidade da luz, o ser humano não tem tempo de parar para refletir, ou acomoda-se deixando-se conduzir pelo automatismo, levando a vida aos “tronco e barrancos” ferindo e deixando-se ferir. Mas é necessário parar. Parar para refletir, analisar reconstruir e usufruir com mais qualidade e até mesmo para dar valor aos pequenos aos grandes gestos ou momentos que permitem-nos construir o dia-a-dia e o futuro, muito melhor.

Na passagem de data em que comemora-se o Dia do Professor, Cumpre-nos fazer esta pausa para refletirmos sobre o papel que esse profissional tem exercido na sociedade e particularmente na vida todo aquele que teve felicidade e a oportunidade de frequentar uma escola.

Às vezes, ouço dos mais idoso que a profissão de professor já mereceu tanto destaque na sociedade, que era um orgulho para os rapazes serem apontados na rua como “marido da professora”. (Referência esta porque era mais comum pessoas do sexo feminino exercerem a profissão). Lembro-me com saudade e emoção dos meus mestres, ao longo da minha jornada estudantil, especialmente daqueles que tive até a conclusão meu primário. Eu os tinha, em sua maioria, como modelos. Encantava-me com tamanha sabedoria. Tinha Poe eles, profunda admiração e respeito. Eram os meus mestres! Neles eu me espelhava! E até hoje, continuo nutrindo por eles, especialmente com os quais eu tenho a felicidade de ainda ter contato, esse mesmo sentimento. Pena que para muita gente, mesmos os sentimentos inalienáveis “mudem”. Os valores se perdem. O grau de consideração e respeito a cada dia se tornem efêmeros. Duram apenas enquanto algum tipo de interesse.

Consterna-me verificar, hoje, o descaso com que, nós professores somos tratados pelos governantes, embora muitos sejam antigos colegas, pelos pais e mesmos pelos alunos. O triste mesmo é constatar que raramente nasceu os autodidatas, pois todos aqueles que chegam a algum lugar de destaque construíram degraus passando por seus professores; que nem sempre são apenas educadores , mas às vezes precisam ser também babás, mágicos, palhaços, psicólogos e até super-heróis, dependendo da circunstância. Infelizmente, o brasileiro tem memória curta e acaba esquecendo-se disso. Atualmente, esquecem de prestar-nos honrarias até no dia de nossa morte, não importando os anos de serviços prestados ou o cargo que tenhamos ocupado na área.

É colegas, o nossa consolo é que Jesus, mesmo tendo sido o Mestre dos mestres, pregaram-no numa cruz, mas Ele não ficou lá, Ele ressuscitou! Avante,

coragem porque a força interior que nos move, ainda, é a única capaz de transformar esse mundo governado e povoado, por muita gente de memória curta.

15/10/1996.



POESIAS



ENIGMA

Por Lili Costa

Nos meus versos
acharás as voltas aneladas de meus cabelos.
Saberás de minha ancestralidade
e poderás ler estes e outros tempos.

Com a ponta dos dedos
serás capaz de redesenhar
gozos ainda incompletos.
Terminaremos paixões e deixaremos
em silêncio a página branca
do que ainda não fomos.

Nas voltas aneladas de meus cabelos
ficarás descansando como um nagô aprendiz. Serei sua lua crescente
até que estejas preparado.
E numa manhã de domingo, no meio de uma semana qualquer.
Seremos um ciclo completo.
Saberemos minguar em tempos de 28 dias.
Cúmplices
que somos do ápice e do declínio.
Serei o cavaleiro e o dragão. Serás o dragão e o cavaleiro.
Estaremos protegidos com as armas de Ogum.

Renascemos líquidos e influenciaremos marés.
Chuva beijaremos Terra.
Juntos voaremos nuvem.
Ar seremos livres.
Assim sem amarras ou medos
flamejaremos;

Nas voltas aneladas de meus cabelos
O tal mundo distante será desmistificado e o
segredo que naquela noite pareceu ser desvendado
volta a condição de enigma.
Simplesmente porque desejamos
ser devorados.

SEM FACE

Por Milena Pagiola Paz

O que é? o que é?
Que de semelhança tem apenas o pé
não é homem, nem mulher
quão horrível isso é?
Aos olhos das pessoas uma menina ela é
mas em sua cabeça está um menino de pé
forte o suficiente para lutar e se mostrar pro mundo
é triste saber que pra ser reconhecido as pessoas teriam que olhar bem afundo
hoje em dia os olhares e sentimentos estão mais razos que uma poça de água
e as pessoas infelizmente ficam cada vez mais chateadas
eu poderia ficar a noite toda aqui escrevendo
mas minha escrita é tão confusa que vocês não entenderiam nem me conhecendo.

DOENTE DE AMOR

Por Milena Pagiola Paz

A mente humana é uma coisa inimaginável. Ela faz pensarmos em coisas que as vezes nem queremos pensar, não temos controle. Não escolhemos uma prioridade para pensar. Por exemplo, estou sentado em uma cadeira de hospital nesse exato momento, mas quem não sai da minha cabeça é aquela garota, a garota que talvez tenha roubado meu coração. Seria estranho se o médico perguntasse o que eu sinto e eu dissesse que eu sinto amor? Mais estranho seria se o médico dissesse que o mundo precisa ficar mais doente de amor. Porém é verdade. Encontramos tudo no amor. Encontro felicidade no sorriso dela. Encontro paz em sua voz. Encontro fogo em suas provocações. Ela é a calma e a agitação em meu corpo. Mas isso que é o amor. Uma variedade de sentimentos e sintomas.

VAGALUMES

Por Saulo Furtado

Quem sabe que não sejam insetos no céu
esse vagalumar de estrelas?
Quem há de conhecê-las
que as vejam em tão perto véu?

Quem subiu as escadas do infinito
para escurecer-lhe os dedos de sóis?
Quero amanhecer com os arrebóis
para conhecer esse viajante do destino

Quem será o senhor dos Ventos?
que me sopra além da via láctea
que me põe nessa hora escura

Eis que o senhor tempo
que se esconde no fim da galáxia
está preso em minha tenra loucura

O GALO E O CALO

Por Orlando José Vieira

Se calo ouço o galo
Quando o galo cantou
A testa o cacete encontrou
O galo cresceu a vista escureceu
O chão me acolheu
Se calo ouço o galo
Com o galo na testa
Tinha saído no fim da festa
Tudo era alegria
Mas o povo sofria e tudo acontecia
Enquanto cantou o galo
Agora já não ouço o galo
Já não tenho o galo
O tempo passou
Mas quando a natureza diminuiu o seu barulho
Eu me calo mais
Não ouço o galo
Pois nem galo
Nem galo existe mais
Pois o povo se cala
Já não se manifesta, e com isso não temos mais voz,
Nem nos nem nosso, nem do galo.
Espero ainda um grito
No silencio que existe
Dentro de mim
E de meu país,

Que haja ainda um cantar
Do galo, porque não me calo,
O grito da liberdade
Que ressuscite o desejo de falar
Cantar, lutar e conseguir o intuito final
Porque se me calo
Já não ouço o galo
A esperança esta findando
Me matando
Se calo...

